

**A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO
DE JUDAS** – por Carlos Almir Matias

**A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO
DE JUDAS**

Carlos Almir Matias
Mestrando UEL

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a imagem apresentada no Evangelho de Judas, sobre a figura de Judas Iscariotes e dos doze discípulos. Partimos da hipótese de que esse evangelho faz uma alegoria apresentando Judas como o arquétipo do homem gnóstico perfeito, e que sofre perseguições por causa disso, enquanto que, os outros discípulos representariam a ala proto-ortodoxa da igreja. O Evangelho de Judas possivelmente foi escrito no século II, por membros de uma seita nominada de cainitas por Irineu de Lião. Esse evangelho é único pelo fato dele ter sido atribuído, não a um dos discípulos mais próximos de Jesus, mas sim, segundo a tradição ao seu traidor.

PALAVRAS- CHAVE: Evangelho de Judas, gnosticismo, proto-ortodoxia.

**REPRESENTATION OF JUDAS AND THE TWELVE APOSTLES IN THE GOSPEL OF
JUDAS**

ABSTRACT: This paper aims at reflecting on the image displayed on the Gospel of Judas, on the figure of Judas Iscariot and the twelve disciples. Assuming that this gospel is an allegory presenting Judas as the archetype of the Gnostic perfect man, and who suffer persecution because of it, while the other disciples represent the proto- orthodox wing of the church. The Gospel of Judas was probably written in the second century by members of a sect of Cainites nominate by Irinaeus of Lions. This gospel is unique in that is it has been assigned, not one of the closest disciples of Jesus, but, according to tradition his betrayer.

KEYWORDS: Gospel of Judas, Gnosticism, proto- orthodoxy.

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a imagem apresentada no Evangelho de Judas, sobre a figura de Judas e dos doze discípulos. Partimos da hipótese de que esse evangelho faz uma alegoria apresentando Judas como o arquétipo do homem gnóstico perfeito, enquanto que, os outros discípulos representariam a ala proto-ortodoxa da igreja.

Sugerimos essa hipótese pelo fato de Judas ser apresentado neste evangelho como o único que realmente entendia os mistérios apresentados por Jesus, enquanto que, os outros discípulos apenas os entendiam de forma superficial, isso quando o entendiam.

O Evangelho de Judas é mais um dos evangelhos gnósticos que circulavam entre os primeiros séculos de formação do cristianismo, mas o que o torna único, é o fato dele ter sido atribuído, não a um dos discípulos mais próximos de Jesus, mas sim, segundo a tradição, ao seu traidor. Qual seria o sentido disso? Por que Judas e não a outro apóstolo foi atribuída à autoria desse escrito?

Partimos do pressuposto de que, o grupo que utilizava-se desse escrito, identificavam os apóstolos como os representantes da ala proto ortodoxa do cristianismo, por isso a escolha de Judas, um personagem que possivelmente já no século II era visto com desprezo pelos membros da igreja, que já tinham adotado os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João como escritos que possuíam mais autoridade do que outros evangelhos e escritos que circulavam no período.

Primeiramente vamos refletir sobre a relação da ala proto- ortodoxa da igreja com o gnosticismo para em seguida analisar a representação gnóstica de Judas, e de como os discípulos eram representados neste evangelho pelo grupo que utilizava-se desse escrito, nomeado de cainitas por Irineu de Lião.

1.0 CRISTIANISMO ECLESIAÍSTICO E GNOSTICISMO NO SÉCULO II

No século II, as comunidades cristãs já estavam presentes em todo o Império Romano, separadas por longas distâncias. Por volta do ano de 150 de nossa era, os

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

cristãos não dispunham de nenhum livro próprio nem de um conjunto de regras sistematizadas. Cada comunidade possuía conduta própria e era dirigida de acordo com as percepções da liderança local, com crescentes e diversificadas interpretações de Jesus e Paulo. (SIQUEIRA, 2003: 377).

Segundo Pagels (1979) algumas comunidades cristãs iam se organizando numa espécie de escalões subordinados de bispos, padres, diáconos e leigos. Em muitas igrejas, o bispo despontava como um monarca, reivindicando para si o poder de agir como disciplinador e juiz daqueles que chamava de “leigos”

Desde cedo à cristalização da ossatura interna reforçara o papel dos guardiões, dos *epískopoi*, encarregados de administrar a vida comum, ocupando-se dos bens da comunidade, da administração do culto e do banquete comuns (*ágapai*), e do socorro dos pobres. Também havia os *presbyteroi*, que podem ter precedido os *epískopoi* nas comunidades menores. (GEREMEK, 1989: 168).

Na comunidade primitiva, a autoridade dos chefes fundava-se nas suas qualidades individuais, mas ao mesmo tempo, percebem-se grupos fortemente organizados. As cartas de Santo Inácio são muito significativas, pois demonstram a preocupação de manter as comunidades cristãs unidas em torno do bispo, pois este era detentor de carisma pessoal e espiritual. (GEREMEK, 1989: 168).

O bispo era considerado como o chefe (*caput*) de sua comunidade, como o “príncipe”, mas ao mesmo tempo como o homem espiritual dotado pelo Espírito Santo das qualidades necessárias para a direção da comunidade. Este foi visto como o sujeito inicial da vida cristã, a realidade primeira da cristandade *ekklesia*, no seu sentido etimológico e histórico, reconduz à idéia de comunidade, de fraternidade, de assembléia. (GEREMEK: 198, p.169).

Geremek (1989: 169) destaca que o princípio comunitário era muito forte e o bispo, como guardião da comunidade, dirigia preces a Deus em nome de sua comunidade, afirmando-se unicamente pelo seu “poder espiritual”.

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

A noção de “poder espiritual” e de autoridade dos bispos provinha da idéia de inspiração divina na qual Deus, através de seus sinais lhe mostrou a sua vontade. Nas comunidades cristãs o poder sobre os fiéis era atribuído unicamente a Deus, o bispo apenas intermediava esta relação. (GEREMEK, 1989: 169).

Segundo Geremek:

A história dos primeiros séculos de existência do cristianismo foi, de facto, a da expansão de uma comunidade organizada. O crescimento numérico dos cristãos e a convicção de possuírem a verdade determinavam o universalismo da visão cristã. Formando uma ossatura organizativa, o cristianismo empreende uma luta pelo monopólio ideológico religioso. (GEREMEK, 1989, p.170).

A maior parte de nosso conhecimento sobre a igreja vem dos escritos do bispo Euzébio de Cesaréia, já no século IV Euzébio era um historiador preocupado em demonstrar que a igreja cristã tinha sido ordenada por Jesus Cristo desde o início e foi solidamente estabelecida pela primeira geração de apóstolos, pelo fato que só a verdadeira igreja pode sobreviver as inúmeras tentativas de heresias. (Johnson, 2001: 58).

Para Paul Johnson (2001: 58), fica claro que é uma construção com fins ideológicos para mostrar que a corrente na qual era representante era a principal do cristianismo, ou seja, uma ortodoxia equilibrada, ao contrário das diversas seitas gnósticas que propagavam suas idéias errôneas segundo o grupo que se diz ortodoxo.

Podemos entender a noção de Euzébio de tentar mostrar uma ortodoxia que se iniciava com os apóstolos, pelo fato de que na época havia inúmeras variedades de cristianismo e era preciso diferenciar quem era ortodoxo e quem era herético. Também vale lembrar que os cristãos eram perseguidos pelos romanos acusados de perturbar a ordem pública, mas quem eram ortodoxos, quem eram heréticos ou judeus? Euzébio dá a entender que se a igreja não combatesse os heréticos, ela própria será perseguida, então por isso a importância de tentar mostrar uma ortodoxia equilibrada e com bases históricas.

Mas ao contrário dessa construção ideológica de Euzébio de Cesaréia, vamos perceber a igreja com uma estrutura eclesial reconhecida surgiu de uma forma lenta e

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

gradual, representando um processo de seleção natural, uma sobrevivência espiritual. Paul Johnson (2001: 58) usa a imagem darwiniana para explicar os diferentes movimentos religiosos nos séculos I e II nos Mediterrâneos oriental e central; segundo ele havia uma multiplicidade de idéias que lutavam para se propagar, todos os movimentos eram instáveis e se dividiam e modelavam-se. Jesus havia gerado certas idéias e matrizes que se propagavam rapidamente por uma vasta área geográfica.

Segundo Silva (2009: 132), a Igreja centraliza-se por volta do ano 200, no qual foi estabelecida uma hierarquização baseada em três níveis: os bispos, os presbíteros e os diáconos.

Mas ao mesmo tempo em que esta ossatura organizativa estava ganhando corpo ao longo dos dois primeiros séculos, outros grupos menos organizados, que reclamavam para si as verdades da fé, surgiam e ameaçavam o monopólio ideológico da florescente ortodoxia. Esses grupos eram conhecidos como gnósticos pelos Padres da Igreja.

Segundo Kochakowicz (1989: 318), os gnósticos se caracterizavam por terem apresentado uma versão radical e negativa do mundo material, como criação de uma força má. Ainda, segundo o mesmo autor, esta versão negativa, parece ter-se difundido imensamente nos dois primeiros séculos do cristianismo. Para o autor, o gnosticismo surgiu antes de Cristo, mas ao ter assimilado elementos do cristianismo, essas seitas podem ter sido consideradas heresias cristãs. Segundo o autor:

Os gnósticos criam que o mundo físico fora criado por um demiurgo malévolo e que as almas humanas, que têm a sua verdadeira morada no Céu, estão aprisionadas nos corpos, Jesus Cristo, que não tinha em si qualquer quota-parte de mal, não podia ter tido um corpo físico nem ter realmente ressuscitado. A libertação espiritual dos homens requer, por um lado, uma vida ascética, que vá contra todos os desejos naturais, e, por um outro, um progresso no conhecimento esotérico, apenas acessível a alguns, e que os gnósticos afirmavam possuir. (KOCHACOWICZ, 1989: 318).

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

De acordo com uma ampla gama de grupos gnósticos, o deus que criou este mundo não é o único deus, e nem o mais poderoso ou aquele que sabe tudo. Ele era considerado uma divindade muito baixa, e geralmente ignorante. (EHRMAN, 2006: 85).

Os gnósticos viram os desastres ao redor de si- terremotos, furacões, enchentes, ondas de fome, secas, epidemias, miséria, sofrimento- e declararam que o mundo não é bom. Mas disseram: não se pode colocar a culpa por esse mundo em Deus! Não, este mundo é um desastre cósmico, e a salvação só virá para aqueles que aprenderem a escapar deste mundo e de suas armadilhas materiais. (EHRMAN, 2006: 85).

Na visão de Robinson (2007: 19), o gnosticismo cristão pode ter sido uma reação a crescente institucionalização da Igreja, e sua forma de acomodação ao *status quo* uma forma de protesto e de revolta contra uma instituição, que consideravam que cada vez mais se afastavam do ideal pregado por Jesus, em que homens e mulheres tinham uma vida simples e igualitária, dedicados a pregação do evangelho. Segundo Pagels (1979), a principal crítica dos gnósticos contra a “ortodoxia” era a formação de uma hierarquia fixa, e que cada vez mais diferenciava os clérigos dos leigos.

O século II apresentou um quadro bem distinto de organização dos movimentos cristãos, de um lado a emergente ortodoxia com sua estrutura baseada numa hierarquia de bispos, padres e diáconos e do outro lado, os círculos gnósticos cristãos com uma estrutura simples de professores e discípulos que se reuniam para refletir sobre os mistérios da *gnosis*.

2.0 O EVANGELHO DE JUDAS

Nos evangelhos do Novo Testamento, Judas é mencionado de forma hostil e seu ato é visto como algo maligno. De acordo com Ehrman (2006: 94), os evangelistas oferecem explicações diferentes para a ação de Judas. Em Marcos não há explicação para a ação de Judas Segundo o relato ele procura os líderes judeus oferecendo-se para trair Jesus, e eles lhe dão algum dinheiro como recompensa. Em Mateus aparece que Judas estabelece uma

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

quantia de trinta moedas de prata para entregar Jesus, ou seja, ele deseja simplesmente o dinheiro. Em Lucas, Satanás tomou conta de Judas, o que o levou a cometer esse ato, e finalmente em João, segundo o relato, Jesus já sabia que havia um traidor entre os discípulos. E o Evangelho de Judas.

A principal afirmação desse evangelho é que Judas foi o melhor amigo de Jesus, e que ele possuía mais conhecimento do que os outros apóstolos. Por isso Jesus teria encarregado Judas de traí-lo por que se não fosse assim Jesus não morreria e, portanto não ressuscitaria. (ZILLES, 2006: 906).

Na realidade, segundo a perspectiva do Evangelho de Judas, o objetivo de Jesus não era morrer para depois ressuscitar, e sim voltar a sua morada celestial, se livrar do corpo humano, voltar para o mundo do criador.

O conceito de salvação e o papel de Jesus Cristo no Evangelho de Judas é diferente dos evangelhos sinóticos, enquanto que no novo Testamento Jesus morre para expiar nossos pecados, no Evangelho de Judas, o objetivo de Jesus seria professar o Deus verdadeiro, e alertar sobre o deus criador do mundo material.

Jesus é o salvador não por causa da carne mortal que veste, mas por que é capaz de revelar a alma, ou a pessoa espiritual, que tem dentro de si, e a verdadeira morada de Jesus não é este mundo inferior, mas o mundo divino da luz e da vida. (MEYER, 2006: 04).

Segundo Wurst (2006: 122) a existência do Evangelho de Judas é atestada pelo bispo Irineu de Lião no século II, em sua obra contra as heresias, que foi escrita por volta do ano de 180.

Dizem que Judas, sabia exatamente todas estas coisas e por ser o único dos discípulos que conhecia a verdade, cumpriu o mistério da traição e que por meio dele foram destruídas todas as coisas celestes e terrestres. (Adv haer, I, 31,1, p. 122).

De acordo com Ehrman (2006: 89) um dos diversos grupos gnósticos citados por Irineu foi o chamado de cainitas. É difícil saber se esse grupo existiu ou se Irineu inventou

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

esse nome. Mas o que sabemos, é que segundo Irineu esse grupo utilizava-se do Evangelho de Judas.

O grupo recebeu esse nome por causa de Caim, o primeiro filho de Adão e Eva, que segundo o relato bíblico matou seu irmão Abel. Segundo Irineu, eles escolheram Caim devido a sua extrema oposição ao Antigo Testamento. Como para os gnósticos o deus do antigo testamento não deveria ser adorado por ser ignorante, então todos os personagens bíblicos que lhe fizeram oposição passaram a ser vistos como os detentores da verdade, inclusive Judas e Caim. Devido a ênfase em figuras como Seth e Barbelo, por exemplo, o Evangelho de Judas foi considerado pelos especialistas como um escrito gnóstico setiano

Segundo Chaves (2006: 07) setiano é uma categoria moderna de análise que serve para designar alguns textos gnósticos que possuem uma teologia e cosmogonia próprias. Essa categoria leva em conta a existência de um sistema doutrinal preciso presente em alguns textos de Nag Hammadi, bem como no Evangelho de Judas, e não necessariamente a existência de uma comunidade gnóstica setiana, o que não podemos comprovar devido à falta de evidências documentais.

Chaves (2006 a) chama a atenção para a ligação desses textos com o neo-platonismo e com a apocalíptica, o que levou os especialistas a chamá-los de apocalipses filosóficos, mas as tradições que mais nitidamente aparecem nesses textos são as tradições judaicas e cristãs. Suas prováveis datas de composição são o final do século II e início do século III, período que coincide com o neo-platonismo, e o local de composição possivelmente pode ser as academias filosóficas de Alexandria.

Ainda de acordo com Chaves (2006 a: 03) a categoria setiana foi proposta por Hans- Martin na década de 70 para elencar uma seqüência de textos que davam grande importância ao personagem bíblico Set. São classificados como setianos os seguintes textos: Apócrifo de João, Hipóstase de Arcontes, O Evangelho dos Egípcios, o Apocalipse de Adão, as Três colunas de Set, Zostrianos, Melquisedec, Norea, Marsanés, Allogenes, Protenóia Trimorfica e mais recentemente o Evangelho de Judas.

Todos esses textos têm a ocorrência da figura de Set, que aparece como o primeiro ser de uma raça escolhida, após o assassinato de Abel por parte de seu irmão Caim. Outra característica comum nos textos setianos é a presença de figuras femininas,

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

tais como Sophia, criadora e alimentadora do mundo, uma mãe divina chamada Barbelo, o primeiro pensamento da divindade suprema, e a Sophia inferior, responsável tanto pela criação do mundo material, quanto pela encarnação de porções da essência da Mãe suprema nos corpos humanos; e a figura da Eva espiritual (Epinóia) que aparece no plano terrestre para alertar a humanidade (Adão) sobre a sua filiação em relação ao Primeiro Pensamento divino. (CHAVES, 2006 a).

Parece contraditório esse evangelho ser considerado um texto setiano, pelo fato de que, nos outros escritos setianos, Set, aparece como o primeiro ser de uma raça escolhida, após o assassinato de Abel por parte de seu irmão Caim. Ao que tudo indica, esse grupo que se utilizava do Evangelho de Judas era um dos grupos mais ferozes e ferrenhos opositores da igreja no século II, pois nem os apóstolos escaparam a sua oposição. Eles preferiram adorar Judas como o único que realmente entendeu e compreendeu a mensagem de Jesus.

3.0 JUDAS E OS APOSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS

Logo no início desse evangelho aparece nitidamente que se trata de um relato secreto apenas para pessoas iniciadas, ou que possuíam o conhecimento dentro de si, neste caso, Judas Iscariotes: “O relato secreto da revelação feita em conversa com Judas Iscariotes (...)”

O Evangelho de Judas é um caso a parte pelo fato de que nem os próprios discípulos de Jesus entendiam os seus mistérios: “Os discípulos disseram a {ele}: “Mestre, por que ris da {nossa} prece de ação de graças? O que fazemos? {Isto} é o correto”.

Em seguida Jesus responde: “Não estou rindo de vós, não estais fazendo isto devido a vossa própria vontade, mas porque é por meio disto que vosso deus [será] louvado”.

Segundo Ehrman (2006: 104), no início desse Evangelho fica claro que o deus de Jesus não é o deus criador dos judeus, e que os discípulos não sabem quem ele é na realidade, apenas Judas o compreende realmente.

Os discípulos de Jesus não sabem quem ele é na realidade; louvam um deus que não é o pai de Jesus; não compreendem a verdade a respeito de Deus. Judas, o

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

único que compreende realmente, declara que Jesus veio do “reino imortal de Barbelo”, quer dizer, do domínio dos verdadeiros seres divinos imortais, não do domínio inferior do Deus criador dos judeus. (EHRMAN, 2006, p.105).

Os gnósticos acreditavam que o mundo físico fora criado por um demiurgo malévolo e que as almas humanas estão aprisionadas nos corpos, Jesus Cristo que não tinha qualquer quota de maldade, veio para ensinar como as almas podiam se livrar de seus corpos. (RIBEIRO JUNIOR, 1989).

Era desse demiurgo que Jesus estava falando aos discípulos, do criador do mundo material, que os discípulos erroneamente, segundo a visão gnóstica o louvavam como o único e verdadeiro Deus.

Seguindo o relato do Evangelho de Judas, aparece que os discípulos começaram a blasfemar contra Jesus pelo fato de não entender o que ele estava querendo dizer.

Quando os discípulos ouviram isso, começaram a se encolerizar e a se enfurecer e começaram a blasfemar contra ele em seus corações. Quando Jesus observou a falta de {compreensão, ele} lhes [disse]: “Por que esta agitação vou levou a cólera? Vosso deus que está dentro de vós e {...} provocou a cólera {em} vossas almas. {Se} qualquer um entre vós é {forte o bastante} entre os humanos, exteriorize o humano perfeito e se poste perante o meu rosto. Todos disseram: “Nós temos a força”. (O Evangelho de Judas, 2006: .22).

Essa atitude de blasfemar contra os mistérios do além mundo, era segundo os gnósticos comum entre os líderes da igreja que não os compreendiam. Segundo Pagels (1979) os gnósticos mais importantes sugeriam que os bispos e os padres ensinavam publicamente apenas as doutrinas elementares, e que eles próprios ofereciam mais, os mistérios secretos, os ensinamentos superiores.

Apenas as pessoas que possuíam a centelha divina dentro de si, seriam capazes de entender os mistérios sobre a verdadeira origem do homem, neste caso, Judas era o

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

homem preparado, enquanto que os discípulos, que provavelmente não tinham a centelha divina dentro de si, não tiveram coragem de olhar a sua face.

Mas os espíritos deles não ousaram posta-ser perante {ele}, a exceção de Judas Iscariotes. Ele foi capaz de se postar a sua frente, mas não conseguiu olhá-lo nos olhos, e virou a rosto. Judas lhe {disse}: Eu sei quem és e de onde viestes. És do reino imortal de Barbelo. E eu não sou digno de proferir o nome daquele que te enviou. (EVANGELHO DE JUDAS, 2006: 23).

É extremamente significativa essa última afirmação de Judas, neste trecho aparece nitidamente o estereótipo do homem gnóstico perfeito, que reconhece a verdadeira origem de Jesus,. A partir desse momento Jesus afasta Judas dos outros discípulos, e lhe conta sobre os mistérios do mundo espiritual. “Ciente de que Judas refletia sobre algo elevado, Jesus lhe disse: Afasta-te dos outros e eu te contarei os mistérios do reino”

De acordo com Ogrady (1994: 48) os gnósticos afirmavam que os seres humanos não vinham em condição de igualdade ao mundo, mas que existiam três tipos básicos deles. Em primeiro lugar estariam os “choics” aqueles com mentalidade terrena e carnal ocupados apenas com o mundo material. Depois os “psíquicos”, que viviam pela fé e pelas boas obras, na verdade estes seriam os cristãos comuns, os frequentadores da igreja e por fim os “pneumos”, derivados de pneuma, os próprios gnósticos que tinham a Centelha divina dentro de si e que poderiam ascender a suas origens divinas, por que segundo o mito gnóstico, algumas sementes da divindade se Sofia, o desejo de sabedoria, haviam sido plantadas no homem gnóstico.

Nesta perspectiva, sem a centelha divina, não haveria vida após a morte. Mas para as pessoas que pertencem ao domínio superior, a alma continua viva, depois que o corpo morre e é levado para sua morada celestial. (EHRMAN, 2006: 112)

De acordo com Eliade (1979: 138) os gnósticos pressupunham a existência de um ensinamento esotérico praticado por Jesus e continuado por seus discípulos. Enquanto o cristianismo eclesial construiu a idéia de tradição apostólica, os gnósticos também

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

abriram mão deste artifício e criaram a tradição gnóstica que consistia na transmissão de ensinamentos reservados a determinado número de fiéis e transmitidos oralmente.

Mas a abordagem do Evangelho de Judas é totalmente diferenciada, enquanto que, os outros escritos gnósticos encontrados em Nah Hammadi em 1945 apresentam textos atribuídos aos discípulos de Jesus com revelações secretas de caráter gnóstico, o autor do Evangelho de Judas parece querer relacionar os discípulos com a ala proto-ortodoxa da igreja, da qual faziam parte, por exemplo, Irineu de Lião e Tertuliano, e Judas com o homem gnóstico que possui a centelha divina dentro de si, e por isso é perseguido pelos padres da igreja. “É possível que tu o alcances, mas vais afligir-te muito. Porque outra pessoa vai te substituir, para que os doze [discípulos] mais uma vez possam completar-se com o deus deles”. (O EVANGELHO DE JUDAS, 2006: 23).

Mas por que será o Evangelho de Judas apresenta os apóstolos como ignorantes em relações aos mistérios do mundo superior?

Na obra *Adversus Haeresis* de Irineu de Lião, é defendida a idéia de uma sucessão apostólica, ou seja, a afirmação de que os apóstolos formaram as primeiras comunidades cristãs, e repassaram sua autoridade espiritual e seus ensinamentos aos seus sucessores, no caso, os bispos, e estes a outros e assim sucessivamente.

Em seu terceiro livro Irineu insiste na Tradição apostólica;

Não foi, portanto, por ninguém mais que tivemos conhecimento da economia da nossa salvação, mas somente por aqueles pelos quais nos chegou o Evangelho, que eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus transmitiram nas Escrituras para que fosse para nos fundamento e coluna de nossa fé. (Adv haer, III, 1,1: 246).

Nesse trecho, Irineu mostra que a verdadeira tradição está nas Escrituras e foi repassada pelos apóstolos pela vontade de Deus. Em seguida, Irineu mostra onde esta a verdadeira tradição :

Portanto, a tradição dos apóstolos, que foi manifestada no mundo inteiro, pode ser descoberta em toda igreja por todos os que queiram ver a verdade.

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

Poderíamos enumerar aqui os bispos que foram estabelecidos nas igrejas pelos apóstolos e seus sucessores, e eles nunca ensinaram nada que se parecesse com o que essa gente vai delirando.

Ora se os apóstolos tivessem conhecido os mistérios escondidos e os tivessem ensinado exclusiva e secretamente aos perfeitos, sem dúvida os teria confiado antes a mais ninguém aqueles aos quais confiavam suas próprias igrejas. (Adv haer, III, 3,1: 249).

Em seguida, Irineu apresenta uma pequena lista de sucessão apostólica para provar sua teoria, da mesma forma que Euzébio de Cesareia em sua *Historia Eclesiástica*. Após essa lista, Irineu lembra de seu companheiro Policarpo:

Podemos ainda lembrar de Policarpo, que não somente foi discípulo dos apóstolos e viveu familiarmente com muitos dos que tinham visto o Senhor, mas que pelos próprios apóstolos, foi estabelecido bispo da Ásia na igreja de Esmirna. Nos o vimos na nossa infância, porque teve vida longa e era muito velho quando morreu com glorioso e esplêndido martírio. (Adv haer, III, 3,4: 251)

O objetivo da obra de Irineu era afirmar a tradição apostólica centrada nas escrituras. Suas provas sobre uma única tradição, garantida e ininterrupta, não eram de todo irrefutáveis, mas para muitos pareciam se-lo, e por isso davam força a supremacia de Roma nas questões religiosas. (OGRADY, 1994: 68).

O Evangelho de Judas, ao colocar em descrédito os conhecimentos dos próprios discípulos de Jesus, conseqüentemente estaria colocando em descrédito os seus sucessores, ou seja, os bispos e toda a hierarquia da igreja. Apenas os homens que possuíssem a centelha divina dentro de si teriam autoridade sobre os demais.

Em outro trecho Judas conta uma visão dos discípulos Ihe perseguindo: “Na visão eu enxerguei enquanto os doze discípulos me apedrejavam e [me] perseguiram [com inclemência].”

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

Uma das características marcantes do Evangelho de Judas é a repetição insistente de que os 12 discípulos de Jesus nunca compreendem a verdade, encontram-se fora do domínio dos que serão salvos e perseguem Judas- sem perceber que apenas ele tanto conhece quanto compreende Jesus e os segredos que este revelou. (EHRMAN, 2006: 112).

Brown (1988: 95) destaca que os pequenos círculos de estudos foram às fontes de energia da cultura cristã no século II. O autor destaca que a noção de heresia desenvolveu-se cedo entre os cristãos, que a consideravam um desvio das verdades originais do cristianismo.

Um dos grupos, ligados aos bispos e ao clero, queria apresentar-se como representante da “Grande Igreja”. Alegava não apenas ter sido o único a preservar os ensinamentos autênticos de Cristo, todos os grupos afirmavam fazê-lo, mas também representar a visão de uma esmagadora de fiéis bem orientados. (BROWN, 1988: 96).

Segundo Brown (1988: 96) coube a esses pequenos grupos conduzidos por professores isolados suportarem o impacto da pretensão do clero a representar a corrente principal da fé cristã. Eles foram à minoria que tinha de sofrer para que a “Grande Igreja” pudesse se considerar porta-voz da maioria. Vários líderes isolados, se viram condenados como hereges pelo clero local.

O Evangelho de Judas, mesmo que de uma forma alegórica, retrata bem essa situação, não sabemos onde o grupo que utilizava-se desse evangelho atuava, mas podemos presumir que a sua relação com a igreja não era das melhores, pelo simples fato de sua maior autoridade espiritual ser justamente o traidor de Jesus, segundo a visão da igreja.

A relação provavelmente piorava à medida que as seitas gnósticas devolviam as acusações feitas pelos líderes da igreja. Geralmente quando analisamos os escritos de Irineu de Lião e Tetuliano, por exemplo, nos deparamos com diversas acusações contra os

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO

DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

membros das seitas gnósticas, a principal acusação era a de que, os líderes gnósticos se reuniam com as mulheres promover orgias, pois o caráter dessas reuniões era secreto, então abria possibilidades para as mais diversas acusações contra os membros desses grupos. Eles também eram acusados de comer carnes sacrificadas aos ídolos e de charlatanismo, ou seja, de querer ganhar dinheiro em troca da revelação dos mistérios divinos.

Assim consigo entender por que não querem ensinar essas coisas a todos, em público, mas somente aqueles que podem dar altas gratificações para conhecer tão grandes mistérios (...) Quem não daria tudo o que possui para aprender que os mares, as fontes, os rios e todas as substâncias úmidas se originaram das lágrimas de Entimese do eão tomado pela paixão, a luz do seu sorriso, os elementos corporais do mundo, do seu temor e inquietação? (Adv haer I, 4,3:.41)

Os gnósticos de uma forma alegórica devolviam as acusações de Irineu de Lião e de outros líderes da igreja:

Eles {disseram: “Vimos} uma grande {casa com um grande} altar {dentro dela, e} doze homens- são os sacerdotes- e um nome; e uma multidão de gente estava esperando naquele altar, {até que} os sacerdotes {...e receberam oferendas}. {Mas} só ficaram esperando”. {Jesus disse:} “Como são {os sacerdotes}? Eles {disseram: “Alguns} duas semanas; {alguns} sacrificam os próprios filhos, outros a esposa, em louvor {e} humildade uns para os outros; alguns dormem com homens; alguns estão envolvidos em {matanças}; alguns cometem uma infinidade de pecados e atos de ilegalidade. E os homens que se postam {na frente do} altar invocam o teu {nome}, e em todos os atos de sua deficiência, os sacrifícios estão ardendo {...}. (O EVANGELHO DE JUDAS, 2006: 26).

Segundo Erhman (2006: 115) esse é um retrato danado dos discípulos de Jesus e também dos cristãos proto- ortodoxos que viviam na época em que foi escrito o Evangelho de Judas. O alvo dos gnósticos não eram os judeus, e sim os proto- ortodoxos por louvarem o deus criador do mundo material. São acusações muito similares as que os romanos

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

faziam contra os cristãos, ao que parece os gnósticos estavam apenas querendo devolver as acusações da ala proto- ortodoxa.

Vejamos a resposta de Jesus ao sonho dos discípulos:

Jesus lhes disse: “Por que estais inquietos? Verdadeiramente eu vos digo, todos os sacerdotes que se postam perante aquele altar invocam o meu nome. Mais uma vez vos digo, meu nome foi escrito neste {...} das gerações das estrelas por meio das gerações humanas. {E eles} plantaram árvores sem frutos, em meu nome, de maneira vergonhosa. Jesus lhes disse: “Aquele que vistes recebendo as oferendas no altar- é isto quem sois. É aquele o deus a quem servis, e sois aqueles doze homens que vistes. O gado levado para lá é as oferendas que vistes- são as muitas pessoas que vós guiais pelo mau caminho perante aquele altar. {...} se erguerá e fará uso do meu nome desta maneira, e gerações de devotos permanecerão leais a ele. Depois dele, outro homem d{os fornicadores} vai se erguer ali, e outro dos assassinos de crianças {vai} se erguer ali, e outro daqueles que dormem com homens, e daqueles que se abstêm, e do restante do povo de imundice e ilegalidade e erro, e aqueles que dizem: ‘Somos tais como anjos’; eles são as estrelas que levam tudo a sua conclusão. (O EVANGELHO DE JUDAS, 2006: 26).

Nesta perspectiva, os cristãos ortodoxos estariam promovendo uma religião falsa. Apenas a religião promovida por Judas e Jesus seria a verdadeira, o restante seria erro dos apóstolos e da proto ortodoxia.

No Evangelho de Judas

A verdade não é ensinada pelos outros discípulos de Jesus e seus sucessores proto- ortodoxos. Esses líderes cristãos não enxergavam a verdade, que foi transmitida apenas por meio de revelações secretas para o único discípulo que todos concordaram em desprezar: Judas Iscariotes, o traidor. (EHRMAN, 2006: 120).

Considerações finais

O Evangelho de Judas é sem dúvida um dos documentos mais polêmicos da história do cristianismo, muito se especulou sobre esse documento, sobre as possibilidades de se pensar o Jesus histórico a partir dessa fonte.

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

Como ele foi datado do século II, possivelmente do ano 180, é improvável obter informações sobre o Jesus histórico a partir do Evangelho de Judas, mas é um documento muito importante para refletirmos sobre a diversidade de idéias no período, e pensar a relação entre a proto- ortodoxia e os movimentos gnósticos ao longo dos primeiros séculos de formação do cristianismo.

Este artigo buscou refletir sobre essas relações a partir desse escrito, analisando as alegorias apresentadas da figura de Judas e dos 12 apóstolos. Chegamos à hipótese de que, Judas representaria o homem gnóstico ideal, que possuía a centelha divina dentro de si, e que por isso era perseguido pelos membros da igreja, neste caso representado pelos 12 apóstolos.

Num primeiro momento parece estranho um evangelho ser atribuído a um personagem marcado de forma tão negativa na história do cristianismo, mas pensando numa leitura gnóstica, é totalmente coerente, pois Jesus veio ao mundo para ensinar as pessoas que possuíam a luz divina a voltar para a morada celestial, cumprindo a sua missão, precisava necessariamente livrar-se de seu corpo humano, isso implicava que ele precisaria morrer, o que Judas fez foi apenas ajudá-lo nesse processo.

Com relação aos discípulos eles são sempre representados no Evangelho de Judas como pessoas ignorantes que não entendiam quando Jesus lhes explicava sobre os mistérios do além mundo, e além de não entender, perseguiam quem entendia, no caso, Judas Iscariotes. Os discípulos representariam a ala proto- ortodoxa da igreja que adorava o deus criador do mundo material e que perseguia os gnósticos chamando-os de hereges pelo fato deles conhecerem os mistérios que os líderes da igreja não conheciam.

O interessante é que o Evangelho de Judas quebra o principal argumento que legitimaria a autoridade dos bispos, como Irineu de Lião, por exemplo, o da Tradição Apostólica, pois se nem os discípulos entendiam o que Jesus dizia, imagine os seus sucessores, em suma, estavam todos no erro.

Possivelmente para o grupo que utilizava-se do Evangelho de Judas, o personagem de Judas Iscariotes era considerado como um símbolo de oposição a igreja, por isso esse escrito foi atribuído a ele, o personagem mais odiado da história da igreja, mas que segundo os gnósticos, foi o único a realmente entender Jesus Cristo.

**A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO
DE JUDAS** – por Carlos Almir Matias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**. O Homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

CHAVES, Júlio César. Os apocalipses filosóficos setianos. VII Seminário de estudos de apocalíptica/ I Seminário Interno do projeto de estudos Judaicos-Helenísticos. UNB, 2006.

_____ O apocalipse de Adão: apocalíptica ou gnose? Grupo Oráculo, 2006 a.

EHRMAN D. Bart. O cristianismo de ponta cabeça: a visão alternativa do Evangelho de Judas. In: **O Evangelho de Judas: do Códice Tchacos/** editado por Rodolphe Kasser, Marwin Mayer e Gregor Wust, com a colaboração de Francis Gaudard, tradução Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006.

ELIADE, Mircea. **Historia das crenças e das idéias religiosas**. De Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Tomo II. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

GEREMEK, B. **Igreja**. Romano, R (org) in: **Enciclopédia Einaudi** vol. 30. Mithos/logos/sagrado/profano. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

JOHNSON, P. **História do Cristianismo**. São Paulo: Imago, 2001.

LIÃO, Irineu de. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 2005.

MAYER, Marvin. Introdução. In: **O Evangelho de Judas: do Códice Tchacos/** editado por Rodolphe Kasser, Marwin Mayer e Gregor Wust, com a colaboração de Francis Gaudard, tradução Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006.

KOCHAKOWICZ, L. Heresia. Romano, R (org) in: **Enciclopédia Einaudi** vol. 30. Mithos/logos/sagrado/profano. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

OGRADY, Joan. **Heresias**. São Paulo: Mercuryo, 1994.

PAGELS, Elaine. **Os Evangelhos Gnósticos**. São Paulo: Cultrix, 1979.

RIBEIRO JUNIOR, João. **Pequena História das heresias**. Campinas: Papirus, 1989.

ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. A tradução completa das Escrituras Gnósticas. São Paulo: Madras, 2007.

A REPRESENTAÇÃO DE JUDAS E DOS DOZE APÓSTOLOS NO EVANGELHO

DE JUDAS – por Carlos Almir Matias

SILVA, Luis Artur. A Gnose, origens e pontos de divergência com a ortodoxia nos primeiros séculos da Era Cristã. In: SELVATICI, M e VERGARA, F (orgs). **Religião e Poder, do mundo antigo ao moderno**. Pelotas: UFPEL, 2009.

SIQUEIRA, Sílvia Márcia Alves. A efervescência discursiva sobre as mulheres nos movimentos marginais do cristianismo primitivo e a resposta da patrística. In: FUNARI; Pedro Paulo A; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA; Gláydson da. **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Campinas, UNICAMP, 2003.

WURST, Gregor. Irineu de Lião e o Evangelho de Judas. In: **O Evangelho de Judas: do Códice Tchacos**/ editado por Rodolphe Kasser, Marwin Mayer e Gregor Wust, com a colaboração de Francis Gaudard, tradução Ana Ban. São Paulo: Prestígio, 2006.

ZILLES, Urbano. **Evangelho de Judas**. Rev.Trim. Porto Alegre. v.36. Nº 154, dezembro, 2006, p. 905-916.

Recebido em 16 de agosto de 2011

Aprovado em 9 de outubro de 2011